



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

PÂMELA WHELLEN JERÔNIMO DA SILVA

CURADORIA DE ACERVOS RAROS E ESPECIAIS: BIBLIOTECÁRIA
BERENICE BACELAR

Belém
2017

PÂMELA WHELLEN JERÔNIMO DA SILVA

CURADORIA DE ACERVOS RAROS E ESPECIAIS: BIBLIOTECÁRIA
BERENICE BACELAR

Trabalho de Conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Marise Teles Condurú

Belém
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S586c Silva, Pâmela Whellen Jerônimo da.

Curadoria de acervos raros e especiais: bibliotecária Berenice Bacelar/ Pâmela Whellen Jerônimo da Silva; Orientadora, Marise Teles Condurú. – 2017.

57 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências sociais Aplicadas, Faculdade de Biblioteconomia, Curso de Bacharel em Biblioteconomia, Belém, 2017.

1. Bibliotecário. 2. Preservação cultural. 3. Obras raras. 4. Curadoria. I. Condurú, Marise Teles, orient. II. Título.

CDD 22. ed. 023.3

PÂMELA WHELLEN JERÔNIMO DA SILVA

CURADOR DE ACERVOS RAROS E ESPECIAIS: BIBLIOTECÁRIA
BERENICE BACELAR

Trabalho de Conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará.

Data de Aprovação: 4.4.2017

Banca Examinadora:

Profa. Marise Teles Condurú - Orientadora
Dra. em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental
Universidade Federal do Pará

Prof. Williams Jorge Correa Pinheiro
Mestre em Serviço Social
Universidade Federal do Pará

Profa. Franciele Marques Redigolo
Dra. em Ciência da Informação e Dra. em Gestión de la Información
Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Os caminhos que percorremos são sinuosos e muitas vezes árduos, mas batalhas são vencidas com perseverança e apoio. No decorrer desse caminhar, encontramos pessoas que fazem toda a diferença em nossas vidas.

Agradeço primeiramente a Deus, dono de todas as coisas e senhor onipotente, que nos momentos em que eu precisei desabafar, me ouviu e aconselhou, dando forças para seguir.

Agradeço minha família, em especial Luís Carlos e Edna Costa, meus pais e amigos, sem seu alicerce jamais chegaria onde estou. Meus irmãos, Luis Junior e Luis Whellington, por alegrar meus dias e tirar minha paciência, também.

Meu avô, Francisco. Um homem que me ensinou e continua ensinando pela sua vivência, muito obrigada por diversas vezes ter ido me buscar e levar ao trabalho/faculdade e todas as conversas no caminho.

Agradeço as amigadas que construí em minha vida acadêmica, nos dias incansáveis de trabalhos e provas, ninguém melhor do que eles para entender o quão estressante foi lidar com a rotina. Hoje, na reta final não posso esquecer meus amigos e futuros colegas de profissão, Aline, Christiani, Tainara, Rafael, Marcos, Jean e Liniker, pelas inúmeras aventuras e risos.

Dedico um agradecimento especial aos profissionais que tanto acrescentaram ao meu conhecimento e além, me ensinaram valores. Andrea, Rodrigo e Graça. A Berenice, por me apresentar um mundo novo ao qual me apaixonei e inspirar o trabalho que será apresentado.

Um muito obrigada à minha orientadora, Marise, pela paciência e compreensão. A construção deste material foi uma boa parceria, até antes de se dar o período de orientação, já me concedia seu tempo.

Ao Arthur, por participar desde o início da minha jornada, entre caronas e apoios emocionais, até aturar minhas crises de estresse. Muito obrigada, por estar ao meu lado nesses dias.

As minhas primas Jeise e Joicy, pelos dias que me tiraram do tédio. Além de grandes torcedoras para que eu alcançasse meus objetivos, compreendendo que nem sempre eu podia estar nas baladinhas.

E por fim, mas não menos importante, meu amor. Foram algumas madrugadas que me acompanhou para que o sono não vencesse. Agradeço todas as palavras de apoio e incentivo, sempre acreditando até mais do que eu mesma, no meu potencial.

“Não há melhor fragata que um livro para nos levar a terras distantes”.

-Emily Dickinson

RESUMO

Aborda o bibliotecário diante da preservação dos livros como verdadeiros tesouros, com seu prestígio que percorre décadas, agregando a cultura de diversos povos. Assim, como objetivo geral buscou-se mostrar a atuação do bibliotecário na atividade de curadoria de acervos raros, em especial a trajetória e contribuição da Bibliotecária Berenice Bacelar como curadora do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). A pesquisa se caracteriza pelo cunho qualitativo, sendo desenvolvida pesquisa bibliográfica para embasamento teórico sobre o tema de curadoria. Como resultados observou-se que o bibliotecário desenvolve importante papel no processo de salva guarda de tal patrimônio cultural, no papel de curadores. Ressalta-se a curadoria como uma atividade que discorre no tempo, mas que não recebe a visibilidade que merece. Na pesquisa também foi destacado o acervo belíssimo e de grande valor da Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna, do MPEG, bem como as atividades desenvolvidas pela bibliotecária Berenice Bacelar, responsável por manter a organização das obras do MPEG, realizando cursos e oficinas, para os estagiários e estudantes da Instituição. Por fim, conclui-se que a carreira e compartilhamento de conhecimento de Berenice Bacelar com a sociedade, corrobora a importância da atividade de curadoria dentro de bibliotecas com esses tipos específicos de acervo e, portanto, desenvolvida por bibliotecários.

Palavras-chave: Bibliotecário. Preservação cultural. Obras raras. Curadoria.

ABSTRACT

It addresses the librarian before the preservation of the books as true treasures, with its prestige that goes through decades, adding the culture of several people. Thus, the general objective was to show the librarian's role in curating rare collections, especially the trajectory and contribution of the Librarian Berenice Bacelar as curator of the Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). The research is characterized by the qualitative character, being developed bibliographic research for theoretical foundation on the subject of curation. As results it was observed that the librarian plays an important role in the process of safeguarding such cultural patrimony, in the role of curators. The curatorship is emphasized as an activity that takes time but does not receive the visibility it deserves. The research also highlighted the beautiful and great value collection of the Domingos Soares Ferreira Penna Library of MPEG, as well as the activities developed by the librarian Berenice Bacelar, responsible for maintaining the organization of MPEG works, conducting courses and workshops for the trainees And students of the Institution. Finally, it is concluded that the career and knowledge sharing of Berenice Bacelar with society, corroborates the importance of the activity of curation within libraries with these specific types of collection and, therefore, developed by librarians.

Keywords: Professional librarian. Cultural preservation. Rare works. Curatorship.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia	1 -	Fachada de entrada para a CID e Biblioteca	39
Fotografia	2 -	Salão principal de leitura e obras de referência	40
Fotografia	3 -	Segundo salão onde se encontram maior parte do acervo de livros e periódicos da Biblioteca	41
Fotografia	4 -	<i>Monograph of He Ramphastidae or Familiy of Toucans</i> de John Gould	43
Fotografia	5 -	Prancha desenhada na obra de John Gould	43
Fotografia	6 -	Terceiro volume da obra <i>Delle Navigazioni et Viaggi</i> de Giovanni Battista Ramusio	44
Fotografia	7 -	Privilégio do Sumo Pontífice (Papa Júlio III, 1554; Papa Paulo IV, 1556; e, Para Gregório XIII, 1574)	45
Fotografia	8 -	Capitais ornamentadas e historiadas	46
Fotografia	9 -	Oficina de Monitoramento de coleção	47
Fotografia	10 -	Apresentação dos materiais usados no desenvolvimento das atividades do curso de higienização	48
Fotografia	11 -	Obra do século XV de Ramusio	48

LISTA DE SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Pesquisas
CID	Coordenação de Informação e Documentação
EUA	Estados Unidos da América
MCTI	Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação
MPEG	Museu Paraense Emílio Goeldi
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	COMPETÊNCIA INFORMACIONAL.....	16
2.1	Competência informacional do bibliotecário	17
2.1.1	A curadoria como competência do bibliotecário	22
3	ACERVOS RAROS: objetivo da curadoria	27
3.1	Critérios para identificar se uma obra é rara ou especial.....	29
3.1.1	Critérios adotados pela Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna (MPEG).....	32
3.2	Papel, técnicas de impressão e tipografia.....	33
3.3	Conservação, biodeterioração e higienização.....	35
4	BIBLIOTECA DOMINGOS SOARES FERRERA PENNA (MPEG).....	38
4.1	Acervo raro e especial da biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna (MPEG).....	41
5	CURADORA BERENICE BACELAR.....	47
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	52
	APÊNDICE A- ENTREVISTA.....	55

1 INTRODUÇÃO

O livro é um documento que por gerações nos traz conhecimento e historicidade. Podemos lhe caracterizar como um patrimônio de alguma instituição, em vista, que ele proporciona a disseminação de conteúdos importantes não só intelectual, mas também artístico para seus leitores.

Muitas dessas instituições possuem em seus ambientes, espaços para armazenar esses documentos históricos (livros, pergaminhos, incunábulo, periódicos etc.) no anseio de preservar a memória neles contida. Esses documentos podem ser classificados como raros ou especiais, incidindo com a relevante leva de conhecimento que carregam por sua temporalidade entre outros aspectos.

O interesse por essa pesquisa surgiu depois da participação em uma oficina ofertada pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), intitulada, higienização e conservação de acervos raros, da qual a bibliotecária Berenice Bacelar foi ministrante. Por seu amor e admiração pelo assunto pudemos notar que seria esse ambiente o qual ela dedicou grande empenho ao longo de sua carreira profissional.

Tal empenho aguçou a curiosidade em analisar essa atividade que o bibliotecário desenvolve e mostrar sua importância na preservação histórica e cultural de obras antigas, destacando o trabalho da bibliotecária, curadora do acervo de obras raras e especiais da Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna, do Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Seu trabalho é instigante para os novos profissionais que vem se formando, por meio de cursos e oficinas ministradas pela própria, bibliotecária, repassando, assim, seu conhecimento sobre o assunto por diversas gerações. Considerando que no processo da formação do bibliotecário não se tem tanto estudo divulgado sobre esses materiais nas aulas, essa forma de disseminação agrega valor na formação acadêmica.

Bruno (2007, p. 2-3) comenta que os museus e bibliotecas testemunham por pelo menos quatro séculos o surgimento das atividades de curadoria. Suas raízes denotam cumplicidade com o fazer em torno de seus acervos. Além de observar, coletar, tratar e guardar, ainda administram, controlam e organizam todo o espaço envolvido. É comum ouvir de curadores

que eles fazem um processo de “manutenção” dos acervos de natureza especial.

No Brasil não existe uma política que orientem os profissionais interessados nesta atividade a ter uma “padronização” no tratamento desses documentos. Carteri (2005) nos diz que inúmeras instituições adotam procedimentos múltiplos no tratamento dos mesmos livros, revelando não apenas a discrepância que há na área, como também a ausência de diálogo eficiente entre os envolvidos.

Neste projeto de pesquisa é abordado o tema “Curadoria de acervos raros e especiais: bibliotecária Berenice Bacelar”. Apresentando dados e análises sobre qual é o trabalho de um curador de acervos raros e especiais, em específico, da bibliotecária acima citada. Pouco se fala da importância que essa atividade exerce em uma biblioteca. O curador vem agindo nas entrelinhas como uma espécie de “protetor” de um acervo especial.

Com o estudo levanta-se a discussão sobre o problema da falta de informação difundida sobre o assunto e atividade desenvolvida pelo curador/restaurador. Assim como, quais qualificações são necessárias? A graduação é suficiente? E as necessidades que este profissional tem premência.

Mas por que esses acervos são considerados especiais? Esse é um esclarecimento que pretendemos dar. Além da falta de segurança que coloca em risco a memória bibliográfica e documental do país. Outro problema é a conservação dos acervos. Seus critérios, historicidade etc.

Nesse contexto, tem-se como objetivo geral, mostrar as diversas vertentes que o bibliotecário atua quando desenvolve a atividade de curadoria de acervos raros. Para alcançar tal objetivo, têm-se os seguintes objetivos específicos: refletir sobre a atividade da curadoria de acervos especiais; mostrar a importância da preservação da memória cultural para as gerações; analisar a trajetória e contribuição da Bibliotecária Berenice Bacelar como curadora do MPEG.

Este trabalho foi desenvolvido por meio de estudo qualitativo, de cunho bibliográfico, visando compreender mais sobre a atividade de curadoria, relacionando a experiência vivida por uma profissional específica. O

conhecimento e interesse sobre o tema permitirá identificar os pontos relevantes na literatura pesquisada.

Apesar de avançado conhecimento sobre o assunto abordado no trabalho, para melhor organização de pensamentos e ideias, foi necessária grande leitura e correlacionar os referenciais teóricos para obter equilíbrio entre os subitens e assim criar uma visão histórico-crítica sobre o assunto. A atividade básica da ciência é a pesquisa.

O pensamento crítico instala uma discussão aberta como caminho básico para o crescimento científico. Um bom teórico não é quem acumulou erudição teórica, leu muito e sabe citar, mas principalmente quem tem visão crítica da produção científica, com vistas a produzir em si uma personalidade própria, que anda com os próprios pés.

A percepção da qualidade não deve ser desculpa para falta de rigor na análise, como se nas ciências sociais valesse a reflexão solta, confusa e mesmo disparatada (DEMO, 1985, p. 17). Toda e qualquer pesquisa necessita de atenção e disciplina quanto ao seu desenvolvimento.

A presente pesquisa contou com o embasamento em relatos profissionais e científicos de diversos autores para uma exemplificação mais satisfatória de como esta atividade pode ser desenvolvida e sua importância.

O quadro de dificuldades que as bibliotecas enfrentam para manter o padrão que essas obras necessitam são muitas e diversificadas. Para isso, é essencial o empenho do curador para ajudar nessas limitações. Hoje, se faz necessário o conhecimento do curador também em elementos básicos, como a gestão e o saber trabalhar em equipe. Por ser um trabalho que requer dedicação, às vezes pode se tornar exaustivo, sem a devida ajuda e isso não impede que essa continue sendo uma atividade bela e que merece ser mais reconhecida.

Como instrumento de pesquisa, utilizou-se a entrevista que foi aplicada à bibliotecária Berenice Bacelar, para detalhamento de suas atividades desenvolvidas e conhecimento compartilhado. A partir dos dados coletados se deu a análise crítica para chegar aos resultados obtidos, junto a questionamentos levantados.

Este trabalho está estruturado em seis capítulos. No capítulo 2, apresenta-se a competência informacional e a maneira de atuação do

bibliotecário, destacando o exercício da curadoria como atividade do bibliotecário.

No capítulo 3 aborda-se sobre os acervos raros e os critérios aos quais as obras raras e especiais são submetidas, além das técnicas desenvolvidas no decorrer dos séculos, tanto para sua impressão, quanto conservação.

Já no capítulo 4 é apresentando um pouco sobre a história da Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna do MPEG e seu acervo. A ênfase no trabalho desenvolvido pela bibliotecária Berenice Figueiredo Bacelar como curadora da Biblioteca do Museu é demonstrado no capítulo 5.

As considerações finais da pesquisa são apresentadas no capítulo 6. Finalizando, têm-se as referências com os documentos que fundamentaram este trabalho e o roteiro de entrevista aplicado.

2 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

Conforme Brandão e Guimarães (2001), no final da Idade Média, o termo competência surge atrelado ao meio jurídico, como sendo “a faculdade atribuída a alguém ou a uma instituição para apreciar e julgar certas questões [...] e, mais tarde, passou a ser usado para qualificar o indivíduo na realização de algum trabalho”. A sua evolução se deu ao longo da história para designar não só à formação, mas transpassada para o desempenho de uma tarefa ou habilidade.

Ropé e Tanguy (1997 apud VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 132) nos trazem uma definição de competência:

uma das características essenciais da noção de competência é ser inseparável da ação; a competência é o conjunto de conhecimentos, qualidades, capacidades e aptidões que habilitam para a discussão, a consulta, a decisão de tudo o que concerne o trabalho, a qual supõe conhecimentos fundamentados, acompanhados das qualidades e da capacidade que permitem executar as decisões.

Ainda seguindo a linha de raciocínio citada acima, Ruas (2001, p.4) afirma que a competência “não se reduz ao saber, nem tampouco ao saber-fazer, mas sim à sua capacidade de mobilizar e aplicar esses conhecimentos e capacidades numa condição particular, onde se colocam recursos e restrições próprias à situação específica”. Conforme a autora apresenta, podemos adquirir habilidades ao longo da nossa construção intelectual, porém, nem sempre ter convicção de onde, ou como aplicar esse conhecimento nos momentos ou locais apropriados para o seu desenvolvimento operativo.

A competência, segundo Bassetto e Belluzzo (2013, p. 9) é

[...] algo que está intimamente ligado ao conhecimento humano, à consequente experiência e às relações adquiridas em um contexto social, sendo que todos esses elementos convergem em ações desenvolvidas igualmente no ambiente das organizações.

Alguns autores tratam o assunto como um estado de responsabilidade aplicado por uma classe profissional, na busca de resultados e capacitação. Zarifian (2003, p. 137, 139) também relaciona a competência à responsabilidade, definindo-a como “[...] a tomada de iniciativa e responsabilidade do indivíduo em situações profissionais com as quais ele se confronta”.

O Conselho Nacional de Educação, órgão do governo brasileiro, define competência profissional no art. 7º da Resolução CNE nº 3:

como a capacidade pessoal de articular, mobilizar e colocar em ação conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho e pelo desenvolvimento tecnológico (BRASIL, 2002, não paginado).

A competência profissional figura o desenvolvimento de variadas habilidades e idoneidade para o desempenho da profissão. Segundo Rios (2002), a competência informacional pode ser desenvolvida em quatro dimensões: ética, técnica, política e estética. A presente pesquisa dá ênfase à técnica, que segundo a autora, referem-se a habilidades, comportamentos, atitudes e conceitos que o profissional pode desenvolver.

Para Ortega y Gasset (2006), o surgimento de uma profissão ocorre quando esta deixa de ser uma atividade exercida apenas para a realização pessoal de um indivíduo e torna-se uma necessidade para o desenvolvimento da sociedade. “Tanto a Competência Informacional quanto o Aprendizado ao Longo da Vida são faróis da Sociedade da Informação, iluminando os caminhos para o desenvolvimento, a prosperidade e a liberdade” (VITORINO, 2006, p. 59).

Santos (2008, p. 12) notabiliza que “o termo competência, aos poucos foi se infiltrando em todos os campos de saberes, e logo pôde ser aplicado à Biblioteconomia, à Educação, à Sociologia, à Psicologia, à Administração, à Saúde, [...]”. O século XXI vivencia o sufoco de conglomerados de dados informacionais desordenados, Burke (2003) caracteriza com muita propriedade o atual momento, afirmando que os historiadores do futuro poderão se referir ao período em torno do ano de 2000 como a “era da informação”, o que ressalta o trabalho desenvolvido pelos chamados, profissionais da informação.

2.1 Competência informacional do Bibliotecário

Nós temos como informação tudo o que é produzido por uma sociedade e transformado em conhecimento. O tratamento dessas informações é filtrado e gerenciado por um profissional hábil que faça uso intensivo da

informação, transformando-a de forma acessível e ordenada, ora disponibilizada a toda comunidade. Neste trabalho, esses profissionais serão tratados pelo termo “profissionais da informação”.

Le Coadic (1996, p. 106), entende como profissionais de informação aqueles que “adquirem informação registrada em qualquer suporte, organizam, descrevem, indexam, armazenam, recuperam e distribuem essa informação em sua forma original ou como produtos elaborados a partir dela”. Este vem sendo um tema bastante debatido, sendo quase impossível não se associar o profissional Bibliotecário. Está implícito que o Bibliotecário já desenvolve essa prática.

Orelo e Cunha (2013, p.26) destacam que “a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), em sua última edição de 2002, classifica os Bibliotecários, os Documentalistas e os Analistas de Informação como profissionais da informação”. Nesse seguimento, Cunha e Crivellari (2004) se pronunciam afirmando que para o exercício dessas três ocupações exige-se a formação superior em Biblioteconomia.

Segundo a American Library Association (1989, p. 1 apud CAMPELLO, 2003, p.183),

para ser competente em informação a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. Para produzir esse tipo de cidadania é necessário que escolas e faculdades compreendam o conceito de competência informacional e o integrem em seus programas de ensino e que desempenhem um papel de liderança preparando indivíduos e instituições para aproveitarem as oportunidades inerentes à sociedade da informação. Em última análise, pessoas que têm competência informacional são aquelas que aprenderam a aprender. Essas pessoas sabem como aprender porque sabem como a informação está organizada, como encontrar informação e como usar informação, de tal forma que outros possam aprender com elas.

No Brasil, o termo foi mencionado pela primeira vez por Caregnato (2000, p.50 apud CAMPELLO, 2003), que o traduziu como “alfabetização informacional” em um texto em que propunha a expansão do conceito de educação de usuários e ressaltava a necessidade de que as bibliotecas universitárias se preparassem para oferecer novas possibilidades de desenvolver nos alunos habilidades informacionais necessárias para interagir no ambiente digital.

Ainda de acordo com Dudziak (2003), no Brasil, a competência informacional, foi abordada inicialmente por bibliotecários que estudavam a educação dos usuários, tentando introduzi-los para o uso eficiente da informação. O autor segue atribuindo alguns componentes que ele acredita estarem atrelados ao desenvolvimento da competência informacional do bibliotecário, sendo esses:

- o processo investigativo (ou de pesquisa);
- o aprendizado ativo;
- o aprendizado independente;
- o pensamento crítico;
- o aprender a aprender;
- o aprendizado ao longo da vida.

Por volta da década de 50, nas bibliotecas americanas foi introduzida, junto ao serviço de referência, outra tarefa denominada *bibliographic instruction*, que por si o termo já define com exatidão o seu objetivo, que seria instruir o leitor ao uso correto da coleção ensinando o usuário no manuseio das fontes de informações úteis para cada especificidade do próprio.

Para Ponjuán Dante (2000, p. 93 apud ORELO; CUNHA, 2013, p. 27 Tradução do autor),

os profissionais da informação são aqueles que estão vinculados profissional e intensivamente em qualquer etapa do ciclo de vida da informação e, portanto, devem ser capazes de operar eficientemente e eficazmente tudo o que se relaciona com o gestão da informação em organizações de qualquer tipo ou em unidades especializadas de informação.

O marco inicial de leitura, Campello (2003) faz referência ao discurso da Competência Informacional de acordo com quatro “caminhos” teóricos: a sociedade da informação, as teorias educacionais construtivistas, a tecnologia da informação e o Bibliotecário. A autora expressa que a competência do profissional bibliotecário envolve sua identificação informacional para uso eficiente da informação.

Campello (2003), que entende que essa competência prepara o bibliotecário para aproveitar as oportunidades da sociedade da informação,

auxilia o desenvolvimento de habilidades para o uso das tecnologias de informação, contribuindo para o enfrentamento dos desafios econômicos e sociais.

Embora os profissionais da informação tenham adquirido maior reconhecimento na sociedade, segundo Ferreira (2003, p. 42) “há falta de oportunidade para os profissionais de informação vindos da Ciência da Informação”. A carência de uma formação acadêmica mais estruturada pode ser um dos fatores determinantes para os próprios profissionais acabarem limitando os seus caminhos. Abbott (1988) expõe que as profissões convivem em um sistema, onde competem por poder e espaço, gerando disputas. A informação está em toda parte, cabe ao profissional buscar se inserir.

Cunha e Crivellari (2004, p.129-149) nos dizem que o mercado na área de informação, na maioria das vezes, está contratando as pessoas baseadas na sua competência demonstrada do que pela formação acadêmica, ressalvado o trabalho convencional em bibliotecas, para o qual ainda se exige formação em Biblioteconomia e o registro no Conselho Regional da Jurisdição. Assim, o profissional deve acreditar na importância e no valor social da profissão, se dispor a atuar nos órgãos de classe voluntariamente, se preciso. Esses são alguns pontos que o autor considera indispensáveis para o profissional bibliotecário ser integrado pelo mercado de trabalho.

Com a evolução constante dos meios informacionais, principalmente no início do século XX, um assunto surge com mais força no cenário profissional. A reflexão sobre capacitação do profissional da informação, identificação do seu perfil e a maneira que atua. “Havia, na época, entendimento de que as mudanças, especialmente aquelas relacionadas à tecnologia da informação, iriam influenciar fortemente o trabalho do bibliotecário” (CAMPELLO, 2013, p.30).

Grafstein (2002) também entende que a competência informacional encerra um desafio para os bibliotecários no sentido de ampliar as habilidades que eles ensinam para além das instruções sobre os recursos tradicionais de bibliotecas, “a fim de preparar os estudantes para explorarem efetivamente o vasto conjunto de informação [...] disponível” (GRAFSTEIN, 2002, p. 198).

A formação sequente dos bibliotecários, ou seja, a propagação ou desenvolvimento da competência informacional requer planejamento e

engajamento, tanto dos profissionais, como das instituições. Deve ainda considerar as dimensões técnica, ética, política e estética (VITORINO, 2009).

Piggot (1996, p.6, tradução nossa) nos diz que:

segundo estudos sobre o perfil do profissional da informação no mercado de trabalho, evidencia-se que os bibliotecários fazem parte de um grupo cada vez mais diversificado de profissionais que lidam com a informação, tais como arquivistas, documentalistas, gerentes de base de dados, consultores de informação, profissionais da comunicação, analistas da informação e assim por diante.

O mercado busca não só por quantidade de informação, hoje, sua prioridade é por qualidade no seu conteúdo informacional. E é justamente a chance do profissional da informação se impor e procurar em qual área se adapta melhor. Seja pela organização da documentação de uma empresa, artigos, livros, periódicos, mapas, estruturando a e mantendo a memória organizacional (TEIXEIRA FILHO, 1998, p. 2).

Ferreira (2003, p. 47) afirma que o mercado de trabalho busca profissionais com “capacidade de gerenciamento com conhecimento técnico, que sejam *experts* na área de atuação com uma visão ampla de negócios e competência na especialidade aliada a uma cultura geral ampla”. Para a autora esses profissionais tem a tarefa de ser o intermediador, além de orientar e apoiar a busca de informações, por outras pessoas.

O distúrbio de tantos dados em constante mudança acaba afetando a prática profissional, compelindo o saber para uma adaptação de onde o profissional esteja atuando. Embora constatem a competência sendo exigida por diversas áreas de atuação, damos visibilidade a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, compreendendo que tal competência é mais complexa e rígida para as respectivas áreas.

Santos (2008, p.13) ressalta que:

ora, esses profissionais necessitam além, de dominar o conhecimento de seu campo de saber, precisam também ter uma noção mínima dos campos nos quais atuam, e ainda saber usar as tecnologias de informação e de comunicação a fim de subsidiar o desenvolvimento de suas atividades junto a estes campos, principalmente em razão do crescimento acelerado da documentação técnico científica registrada em inúmeros suportes e formas.

A expressão “profissionais da informação” abrange um variado e extenso campo de atividades relacionadas à informação (ORELO, 2013, p.26). O que nos leva a um leque de possibilidades profissionais. Com tantos relatos

podemos constatar a interdisciplinaridade da profissão, constatando que, sim, temos espaço no mercado. Podendo exercer diversas atividades que abrangem a Ciência da Informação. Uma dessas atividades, que não é recente, porém não muito visível é a curadoria.

2.1.1 A curadoria como competência do bibliotecário

É comum associar curadoria a termos jurídicos, já que a palavra vem do latim e significa “tutor”, em outras palavras, pessoa que administra ou cuida de algo. No meio jurídico o curador é algo imposto a alguém no sentido de cuidar de um incapaz (relativamente falando) em razão de alguma causa que a impossibilite disto. Nery Júnior (2000) no seu artigo comenta que conforme nos diz CPC 302, parágrafo único o art. 9º: Parágrafo único. Nas comarcas onde houver representante judicial de incapazes ou de ausentes, a este competirá a função de curador especial.

Nesta pesquisa o termo curador, vai ser designado ao profissional da informação cuja atividade é a salvaguarda, gerencia e comunicação ente o acervo e o usuário. A muito se comenta sobre o colecionismo de obras e/ou artefatos na história, junto a instituições que realizam o processo de estudos, preservação e externalização dessas obras.

Segundo Cunha e Cavalcanti (2008) o curador é o:

especialista que administra museu, zoológico, aquário, jardim botânico, centro de recursos naturais e sítios históricos. Faz a supervisão direta da aquisição, armazenamento e exibição das coleções. Também pode ser responsável pela autenticação, avaliação e categorização das espécies de uma coleção, bem como colabora na condução dos projetos de pesquisa e dos programas educacionais da instituição.

Analisando a historicidade dos séculos que percorrem, podemos sugerir que o termo “curador” surgiu nos séculos passados, através das ações de salvaguarda, seleção e estudo realizadas em museus, e sendo introduzidas pelos mais diferentes campos profissionais.

Muitas dessas instituições tiveram início através do colecionismo de artefatos, obras, livros, entre outros, que se tornaram referências patrimoniais, além de trazer novos campos de estudo e pesquisa por intermédio de materiais culturais e naturais. “A origem das ações curatoriais carrega em sua essência

as atitudes de observar, coletar, tratar e guardar que, ao mesmo tempo, implicam em procedimentos de controlar, organizar e administrar” (BRUNO, 2008, p.2-3).

O crescente estudo concernente dos ramos de antropologia, arqueologia, história natural, impulsionaram os museus a um papel de mais visibilidade beneficiando os procedimentos curatoriais que foram essenciais para o desenvolvimento das instituições.

Os procedimentos curatoriais, que consolidaram a importância dos museus, contribuíram para a elaboração de metodologias científicas, definiram a hierarquia de campos profissionais e permitiram a preservação patrimonial, uma vez que “proceder à cura” passou a ser interpretado como um conjunto de procedimentos inerentes à seleção, coleta, registro, análise, organização, guarda e difusão do conhecimento produzido (BRUNO, 2008, p. 4).

O conceito de curadoria chega ao século XXI evidenciando a importância de suas ações no ambiente informacional, haja vista, necessidade de “proceder a cura” das coleções distribuídas nas instituições (museus, bibliotecas e antiquários), assim como manutenção em suas obras para prolongar o seu uso. Bruno (2008) afirma que esses cuidados delinearam rotas independentes e de singular importância acolhendo outras atividades como a conservação e restauro dos bens patrimoniais, determinando cada vez mais uma a necessidade de uma qualificação específica.

No “Encontro Internacional de Curadoria” organizado em 2010 pelo Fórum Permanente no Centro Cultural São Paulo o professor Tadeu Chiarelli, se posicionou dizendo que a espinha dorsal do museu é o seu acervo e as atividades curatoriais giram ao seu redor. O autor defende que a curadoria não deveria ser um fim em si mesmo, mas resultado de pesquisa e produção de conhecimento.

Moraes (2011, p. 3000) nos diz que na esfera de atuação e leitura dos museus e da Museologia, a discussão acerca da curadoria não é tema novo, embora nem por isso seja assunto esgotado ou pacífico. A maneira como os museus conduzem os processos curatoriais em seu interior traduzem a forma como as instituições se pensam, articulam e comunicam com seu público. Geralmente associado à realização de exposições e gestão, estudo e promoção de coleções, o processo curatorial gerencia, organiza e articula informações a fim de garantir da melhor forma possível as condições para a

transferência dessas informações ao visitante com vistas à produção de conhecimento.

Ainda seguindo a linha de pesquisa da autora (p. 3002) ela reitera que a noção de curadoria teria ganhado atributos novos que trouxeram à tona “a supervalorização das atividades expositivas das coleções e dos acervos, a possibilidade de articulação com os próprios autores das obras e um protagonismo sem precedentes que se mistura com o mercado de artes, com os canais de comunicação e com a projeção social”.

O professor Olu Oguibe (2004) discorre sobre o surgimento da figura do curador e seu papel como agente cultural no contexto da história da arte, desde meados do século XX, classificando e analisando possíveis configurações para o trabalho de curador dentro do cenário da arte contemporânea. Tal artigo descreve a atuação de alguns modelos tipificados de curadores, contribuindo para a discussão do presente texto na medida em que trata do campo de atuação de curadores e conseqüentemente do trabalho de curadoria para além da instituição museu.

Segundo Oguibe (p. 8),

Hoje o curador possui um diploma em ciências sociais, é capaz de manter uma conversação sobre diversos tópicos além da vida e idiosincrasias de um único artista morto, goza da companhia de um círculo de indivíduos que trabalham em mais do que apenas nas bibliotecas e facilmente reivindica um lugar entre os visíveis destaques da sociedade de sua geração. O curador é uma parte sólida do circuito de moda Hugo Boss. A profissão de curador foi diversificada e ampliada para fora da estrita, e possivelmente obrigatória, associação institucional que a caracterizou nas décadas anteriores. [...] o curador agora pode existir e atuar sem a reputação e o estigma da instituição, dependendo, contudo, de instituições a fim de concretizar seus projetos.

Oguibe (2004 apud MORAES, 2011, p. 3003) descreve três diferentes tipos de atuação de curadores, nomeados por ele como: curador burocrata, curador *connaissanceur*¹ e curador corretor cultural. O curador burocrata, segundo o autor, a configuração mais tradicional de curador, seria aquele profissional fiel que, em sua essência, teria suas obrigações básicas determinadas por exigências institucionais:

ir ao encontro dos interesses do museu, galeria ou coleção; localizar a melhor, mais promissora ou quase sempre mais popular obra de arte para aquisição pela instituição; montar o mais popular ou o mais bem sucedido display para a instituição e, relacionado a este último ponto, especialmente hoje, atrair o maior público para o museu,

¹Connaissanceur traduzido para o português significa conhecedor.

galeria ou coleção e tê-lo formando filas ao redor do quarteirão[grifo do autor] (OGUIBE, 2004, p. 8-9).

Ainda argumentando a respeito do curador burocrata, Oguibe explica que, em segundo plano, “está a lealdade pessoal do curador à obra de arte, que pode tomar a forma de uma defesa quase clandestina em que o curador burocrata luta para assegurar que a atenção e os recursos das instituições sejam aplicados em trabalhos e em artistas que são de seu interesse” (p. 9).

O segundo modelo apresentado por Oguibe é o curador *connaisseur*, descrito como “o colecionador especialista e excêntrico cuja atração por uma forma particular ou trabalho, ou grupode artistas é tão irracional quanto fielmente constante”.

Segundo o autor, esse curador pode ou não trabalhar para alguma instituição ou apenas desenvolver os próprios interesses, montando um conjunto de obras conforme seus interesses e dedicando-se obstinadamente a trazer-lhe visibilidade e publicidade a qualquer custo. “Nesse caso, a fidelidade do curador é bem definida e situa-se quase inteiramente na obra e em si próprio”.

Tal curador consideraria então sua responsabilidade “trazer esclarecimentos aos outros, colocando-os a par dessa área de gosto única e especial. Nesse sentido, o curador *connaisseur* é como um explorador, um descobridor, um pioneiro cujas descobertas foram feitas para redefinir o gosto contemporâneo”.

O curador corretor cultural, “emprega seus conhecimentos, autoridade e contatos direcionando-os à arte e aos artistas, que podem não ter acesso imediato aos patronos ou ao público, de modo a fixar-se no papel de agenciador cultural intermediário” (p. 11). Segundo Oguibe (2004, p. 10),

o curador corretor cultural às vezes não possui vínculo institucional regular e, como o *connaisseur*, aprecia a mobilidade entre os espaços dos patronos, do público e de legitimação, e as regiões de intimidade da produção artística. Tem um olho aguçado para as obras de arte viáveis, um instinto para artistas agradáveis, um impulso natural acerca dos caminhos do gosto ou de demandas populares e uma mente empresarial rápida, capaz de inserir tais trabalhos nas correntes de reconhecimento e demanda. O curador corretor cultural, portanto, tem o instinto do galerista, a mobilidade e flexibilidade do empresário e a ousadia do agente publicitário corporativo; sua compreensão das idiossincrasias do gosto e das frivolidades do patrocínio não apenas ajuda a divinizar aquelas idiossincrasias e frivolidades, mas também a torná-las vantajosas. [...] Na realidade, o curador corretor cultural é o mais moderno e atualizado mestre no

mecanismo de visibilidade e pode usar, onde for possível, esse mecanismo num jogo discricionário para validar ou desqualificar artistas e obras. Como um hábil navegador da faixa da cultura, o curador corretor cultural é uma figura poderosa principalmente entre artistas, que talvez o concebam como uma inevitável porta de entrada para a visibilidade.

Após apresentar estes três conceitos o autor atenta para que embora a profissão de curadoria esteja se modernizando e abrangendo outros campos profissionais, as suas origens sempre estão ligadas à responsabilidade de zelar por diversos registros ou objetos icônicos. Desta forma o curador é “um defensor, como em todos os outros papéis, mas um defensor cujo impulso primordial é a empolgação e a satisfação de ser parte do processo mágico de transição de um trabalho”.

Ao falarmos de ação curatorial, não tratamos apenas do estudo de coleções, mas também e principalmente do sentido atribuído a elas, ou seja, é a partir da ação curatorial, que se estabelece uma identidade para o acervo e quando esta identidade é bem trabalhada, as pesquisas passam a ser “agentes de informação para o público visitante” (BARBOSA, 2008, p. 85 apud MORAES, 2011, p. 3005).

3 ACERVOS RAROS: OBJETO DA CURADORIA

Segundo Pinheiro (2002, p.7) o leitor encontra nas bibliografias os recursos necessários para buscar, recuperar, questionar, selecionar e usar a informação registrada, ratificando o caráter autêntico do livro e sua confiabilidade.

O valor do livro está associado à experiência quase esotérica, proporcionada pelo ver (intelectual) e pelo tocar (física): a seiva e o sangue, a substância (*sucumac sanguinem*) e a aparência (*colorem et speciem*) são os elementos essenciais (CICERO apud PINHEIRO, 2002, p. 8).

O livro raro nos oferece uma experiência única, no tato ao folhear as páginas, DARNTON (1999 apud PINHEIRO, 2002, p.8), menciona que seu *design* faz dele um deleite para os olhos. Sua forma faz com que seja um prazer tê-lo em mãos.

No século XX, o livro tem grandes tiragens a preços reduzidos e assumiu seu papel como registro de memória, passando a ser tanto livro de massa, catalogado e localizável na biblioteca organizada, quanto o livro das coleções, cientificamente, preservado. A materialidade oferecida pelo livro já não importava pela beleza, mas, pela praticidade e conforto que garantiriam no ato da leitura. [...] se antes se buscava a informação recém-publicada ou a ser gerada, depois, constatou-se que aquela informação só era relevante no contexto de outra, retrospectiva e documentária. Essa condição trouxe novas luzes de importância para o livro raro-antes, uma jóia; agora, um monumento (PINHEIRO, 2002, p. 9).

É quase inevitável não fazer a pergunta: o que é um livro raro?

Faria e Falcão (2008, p. 469), nos trazem o conceito que livro raro é:

[...] assim designado por ser detentor de alguma particularidade especial (antiguidade, autor célebre, conteúdo polêmico, papel, ilustrações). Consideram-se geralmente livros raros os incunábulo, as publicações anteriores a 1800, as primeiras edições de obras literárias, científicas e artísticas, as obras com encadernações primorosas, as obras que pertencem a personalidades célebres que apresentam a sua assinatura ou notas e, sobretudo, os exemplares únicos.

Fundado neste preceito, podemos entender que o livro raro recebe dado prestígio a partir de algumas particularidades que possam diferenciá-los dos livros “tradicionais” ou que sejam correntes (de circulação/movimentação).

Encaminhando para as forças e efeitos que são alcançados cultural e socialmente pelas coleções raras e especiais não podemos desprezar sua

significância quanto objeto cultural. Em uma pesquisa Karl Mannheim, defende que existe uma diferença entre objetos naturais e culturais, na argumentação de que os culturais merecem suas próprias ferramentas analíticas. Simplificando, para este autor a interpretação documental está ligada a função social do documento.

Conforme afirma Lund (2009 apud VIEIRA, 2015, p. 25), à luz das ideias de Mannheim, esta função é demonstrada pela posição do documento na construção do mundo social como um todo. Isto é, a função documentária não é expressa, mas demonstrada pela função social em si.

Em uma coleção rara ou especial é fundamental compreendermos a sua importância social e documentária, ou pela sua possível grandiosidade e de seus instrumentos de representação ou gestão de seus curadores (VIEIRA, 2015, p. 24).

Araujo (2015, p. 27) nos diz que tanto na perspectiva particular quanto institucional, coleções são mantidas para atender demandas informacionais ligadas a pesquisas, trabalhos técnicos e atividades de cunho cultural e científico. Mas é na dinâmica da pesquisa científica que as coleções raras e especiais exercem uma dupla função: fontes e objetos.

Como fontes, coleções raras e especiais auxiliam no estabelecimento das principais etapas de uma pesquisa: definição do tema, objeto, problemas, objetivos, justificativa, hipóteses, metodologia e referencial teórico. Coleções se tornam fontes para pesquisas quando são atribuídas a elas tais características, afinal não há uma “naturalização” das fontes (ARAUJO, 2015, p. 27).

Por outro lado, mesmo sendo abordado como fonte, o acervo de obras raras e especiais, pode se tornar objeto- quando explanado o seu conteúdo e dimensão intelectual. No âmbito da história cultural, várias disciplinas têm utilizado desses acervos para suas instruções educacionais, por exemplo, História do livro e das Bibliotecas, Editoração e História da Leitura.

O conceito de coleção especial é estudado em literaturas especializadas e podem se referir a diferentes formas de registro, segmentadas em coleções distintas, conforme sua materialidade - o conjunto dessas diferentes coleções especiais, constituem um acervo especial *Association of Research Libraries* (2003 apud VIEIRA, 2015, p. 36).

Rodrigues (2006, p.115), questiona o conceito subjetivo de obras raras e explica que:

[...] de maneira bastante simplificada, pode-se dizer que livro raro é aquele difícil de encontrar por ser muito antigo, ou por tratar-se de um exemplar manuscrito, ou ainda por ter pertencido a uma personalidade de reconhecida projeção e influência no país e mesmo fora dele (por exemplo: imperadores, reis, presidentes), ou reconhecidamente importantes para determinada área do conhecimento (física, biologia, matemática e outras). Enfim, os elementos qualificadores envolvidos são diversos. Torna-se necessário, portanto, sistematizar uma metodologia a fim de explicitar e justificar os critérios adotados para identificar livros raros dentro de uma coleção.

Vieira (2015) finaliza seus pensamentos no seguimento de que o acesso a essas “construções arqueológicas de memórias²”, formadas pelas coleções especiais, configuradas como coleções patrimoniais da biblioteca, deixa de constituir utopia se existirem políticas efetivas, que considerem a guarda e o acesso como resultados de políticas de formação e desenvolvimento; porque, na biblioteca ideal, os livros não são guardados e protegidos, como fragmentos memoriais do que essa biblioteca foi um dia; cada livro partilha a construção de uma coleção argumentativa e controversa, de pensamentos múltiplos, capaz de transcender as fronteiras do tempo, provocando, continuamente, sua própria reconstrução como coleção de caráter especial.

3.1 Critérios para identificar se uma obra é rara ou especial

Geralmente é comum associarmos obras raras à antiguidade, no entanto, precisamos romper este pensamento. Nem todo livro antigo é raro e nem todo livro raro é antigo. Existem inúmeros fatores que determinam a raridade de uma obra.

Nathason e Vogt-O'Connor (1993) afirmam que, em sua definição tradicional, um livro raro é aquele que possui um valor maior pelo fato da procura exceder o seu fornecimento. Tal procura se deve a algumas características do livro raro, tais como: importância (ligado ao seu contexto de produção e utilização); escassez (fator decisivo para o estabelecimento de raridade, quando associado a outro critério); idade e imprenta; condição

²A biblioteca ideal se situa assim na encruzilhada da arqueologia e da utopia arquitetônica, da nostalgia das memórias perdidas e das reconstruções que fazem as cinzas e a terra falar (JACOB, 2000, p.17).

(qualquer deterioração pode diminuir o valor de mercado do livro); propriedades físicas e estéticas; associação (ligada ao seu proprietário) e assunto (fator não determinante para raridade, mas relevante).

A primeira ação a ser tomada em um processo de gestão de coleções raras e especiais, é o profissional (curador) ter conhecimento do assunto. Esta atividade envolve muito mais do que apenas reconhecer uma antiguidade. Algumas vezes é necessário mestria em estudar o autor e história de sua época, trazendo uma gama de fatores para sua raridade ser atribuída.

Por outro lado, todas estas atribuições são conjunturais, temporais e estão sujeitas a processos subjetivos, uma vez que um livro pode ser raro em uma instituição e não em outra; pode ser raro em um determinado momento histórico e não em outro. É neste sentido que a atribuição de raridade não está ligada a uma realidade definitiva, estática e imutável (VIEIRA, 2015, p. 19).

Andrade e Cantalino (2003, p.51) colocam em evidência esta característica ao afirmarem que

[...] o conceito de raridade, longe de designar uma realidade definitiva, material, verificável e constatável, é, sobretudo, o resultado de um acordo fundamentalmente discursivo e de caráter retórico, de que participam (ou, pelo menos em tese, deveriam participar) todos os agentes culturais interessados.

Cada instituição tem sua particularidade na avaliação de uma obra rara ou especial. A problematização que é gerada pela complexibilidade que bibliotecas são instrumentos culturais que possuem histórias distintas e colecionam os livros por motivos diversos, é que, acaba se tornando algo desordenando, em vista, que sem um padrão não podemos consolidar qual é o mais correto.

Araujo (2015, p. 24) nos diz que:

[...] defendemos a idéia de que também os critérios para definição de livros raros devem ter o seu significado desmistificado, uma vez que possuem a intencionalidade de constituir uma imagem das instituições de memória e mesmo dos curadores.

Ainda segundo as pesquisas de Rodrigues (2006, p.115) podemos constatar que atualmente não existe uma política nacional que oriente a identificação e qualificação de acervos raros. Cada instituição, particularmente, elabora seus próprios procedimentos, relacionando critérios, muitas vezes baseados nas experiências de outras instituições, e na determinação de

raridade adotada pela Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro/Brasil). Sendo fundamental maior cautela no fazer curatorial.

A necessidade de uma atenção mais específica se dá pela explicação de Rodrigues (2006, p. 115) de que o uso de critérios de raridade bibliográfica justifica-se pelo fato de que tais livros merecem tratamento diferenciado, visto seu valor histórico, cultural, monetário, e mesmo a dificuldade em obterem-se exemplares.

Pinheiro (1989, p. 29-32) descreve alguns pontos relevantes que curadores podem adotar na sua análise em acervos raros e especiais, sendo eles:

- limite histórico: observar, por exemplo, os períodos que caracterizam a produção artesanal de impressos, bem como a fase inicial da imprensa em determinado lugar;

- aspectos bibliológicos: observar aspectos como a presença de ilustrações produzidas artesanalmente, os materiais utilizados para a confecção do suporte na impressão, como tipo de papel, emprego de pedras ou materiais preciosos na encadernação;

- valor cultural: observar as publicações em pequenas tiragens, personalizadas, censuradas, expurgadas, as primeiras edições etc.;

- pesquisa bibliográfica: existem dicionários e enciclopédias bibliográficos especializados nesse tipo de publicação, que apontam certas peculiaridades da obra, como preciosidade e raridade;

- características do exemplar: observar as características particulares do exemplar que se tem em mãos, como a presença de autógrafo ou dedicatória de personalidade importante, marcas de propriedade e outros.

Rodrigues (2006, p.115), questiona o conceito subjetivo de obras raras e explana que:

[...] de maneira bastante simplificada, pode-se dizer que livro raro é aquele difícil de encontrar por ser muito antigo, ou por tratar-se de um exemplar manuscrito, ou ainda por ter pertencido a uma personalidade de reconhecida projeção e influência no país e mesmo fora dele (por exemplo: imperadores, reis, presidentes), ou

reconhecidamente importantes para determinada área do conhecimento (física, biologia, matemática e outras). Enfim, os elementos qualificadores envolvidos são diversos. Torna-se necessário, portanto, sistematizar uma metodologia a fim de explicitar e justificar os critérios adotados para identificar livros raros dentro de uma coleção.

3.1.1 Critérios adotados pela Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna (MPEG)

Segundo a norma de uso e gerenciamento das coleções da CID, para se identificar se dada obra é rara ou especial é necessário que o responsável pela coleção tenha conhecimento sobre a história de sua época.

Alguns fatores que são levados em consideração são:

- a) tipografia – dentre algumas obras do século XV é possível encontrar livros de um determinado tipógrafo cujos se destacam pela beleza dos tipos empregados;
- b) número de exemplares – quando uma tiragem é reduzida acarreta quase diretamente na raridade de cada exemplar;
- c) censura – os poucos exemplares de uma obra que são distribuídos de um livro censurado, podem se tornar raros;
- d) ilustração – algumas obras se tornam raras por haverem sido ilustradas por especialistas ou artistas de renome. Algumas até por trazerem paisagens ou personalidades da época;
- e) fatores externos a obra – desastres naturais, guerras, calamidades que possam contribuir para a raridade da obra.

É permitida a consulta do acervo raro e especial da Biblioteca, se for respeitado às normas de funcionamento da CID. Não é permitido a entrada com bolsas, sacolas ou pastas dentro do acervo bibliográfico, sendo recomendado manter no local indicado pelo funcionário.

O consulente deve se dirigir à chefia da Biblioteca e especificar os objetivos de sua pesquisa. Ele será instruído ao fichário e outros instrumentos de pesquisa, o curador vai auxiliar o manuseio da obra, caso seu estado necessite mais cuidados (folhas muito deterioradas).

O mesmo deve indicar qualquer mudança no documento (rasura, mutilação) constatada na presença do curador, caso pode ser considerado responsável pelas mesmas. Enquanto a reprodução do material, é vedada quaisquer xerocópia ou similar de documentos originais manuscritos.

3.2 Papel, técnicas de impressão e tipografia

O papel protagoniza um marco histórico de prováveis 2.000 anos. Infelizmente no século XX ele se tornou algo tão trivial que raramente refletimos sobre esse material ser o suporte para a escrita e impressão dos livros.

Spinelli Junior (1997, p. 11) aborda que este versátil material, cuja importância para a civilização, pode-se inferir, é pouco menos que a invenção da roda, foi desenvolvido no ano 105 d.C por um jovem chinês.

Como a maioria das grandes invenções, teve um princípio simples: a partir da maceração de restos de tecidos de algodão utilizados para diversos fins, até que ficassem reduzidos a uma massa de fibras, misturada a água e em seguida despejada sobre uma malha feita de bambu. Ao drenar a água ficava sobre a superfície desta malha uma fina camada de fibras entrelaçadas denominada papel. Este processo básico de fabricação de papel que consiste em peneirar fibras maceradas sobre uma malha, permanece intacto até os dias de hoje, apesar de inúmeras modificações empreendidas nos mecanismos que impulsionam a realização desse ato (SPINELLI JUNIOR, 1997, p. 11).

Outrora novas descobertas para a fabricação com fibras diferentes foram encontradas, como a fibra do bambu e amoreira. Em meados do século VII os japoneses, preponderaram à fabricação do papel através de fibras oriundas da amoreira.

No Brasil, a primeira Fábrica de papel surgiu no Rio de Janeiro em entre 1808 e 1810. Seu dono foi Henrique Nunes Cardoso e Joaquim José da Silva (BACELAR, 2015, p. 2). Algumas características foram sendo atribuídas como as marcas d'água³ (filigranas); linhas d'água⁴ (pontusais) e formatos in-fólio⁵, junto às técnicas de impressão.

³ Marca utilizada pelo comerciante para individualizar suas mercadorias, objeto de seu comércio (CUNHA, 2008, p. 239).

As técnicas de impressão foram se aprimorando no decorrer dos séculos. Bacelar (2015, p. 3-4) nos dá alguns exemplos:

- Calcografia – impressão feita sobre papel. Mas foi a partir do século XVII que esta técnica tomou grande desenvolvimento. Pranchas de cobre com desenhos in cavo (processo conhecido pelos ourives).

Suas principais características são a linhas escavadas que recebem a tinta. A tiragem é feita por tampão ou rolos, limpando-se depois as áreas em relevo. Sua impressão é por prensa de talhe-doce, por pressão horizontal de dois cilindros que comprimem a folha contra a matriz, por sua vez, a impresso deixa no papel o vinco da matriz e relevo nas zonas escuras. A matriz é de metal e para cada cor uma matriz ou uma mesma matriz é tintada com tantas cujas diferentes espessuras impedem sua mistura.

- Litografia – surgiu no século XV e foi divulgada substancialmente no século XIX. Desenho in plano sobre pedra porosa (calcaria), chapa de zinco ou alumínio. A pressão é por arrastamento. Toda a superfície é coberta por uma solução de goma arábica com ácido nítrico que ajuda a fixar o desenho e facilita a absorção de água nas áreas não desenhadas. Antes da impressão sua superfície é molhada, e apenas áreas não desenhadas absorvem a água. A tiragem é com rolo, então a tinta aglutinam às áreas desenhadas e repele pelas áreas úmidas (o fundo). Para cada cor é necessária uma matriz.

- Xilografia – Técnica utilizada desde a descoberta do papel, porém só foi conhecida no século XIII, na China. Impressão sobre tecido ou papel, por pressão vertical de cima para baixo. Blocos são talhados em madeira, com desenhos em relevo. Suas principais características são partes deixadas em relevo, que recebem a tinta, sua tiragem é feita em rolo, não deixa vincos de matriz, nem relevo nos negros e para cada cor utiliza-se uma matriz.

- Imprensa – a primeira obra impressa foi a Bíblia de Gutemberg (1452-1455), possuindo 42 linhas. Ela é do tipo móvel, uma imitação da caligrafia manuscrita, com capitais manuscritas iluminadas, compondo a folha.

⁴ Marcas que ficam nas folhas, no sentido da largura do papel, no momento de sua fabricação manual. São marcas da forma do papel, sendo visível por transparência (BACELAR, 2015, p. 16).

⁵ Volume formado por folhas de papel que são dobradas apenas uma vez. Por extensão, volume de grande dimensão (CUNHA, 2008, p. 201).

- Incunábulo – são os livros impressos até 1500. Possui colofon⁶, marcas tipográficas e a ausência de folha de rosto.

Bacelar (2015, p. 8) comenta que no transcorrer dos séculos muitas mudanças ocorreram na imprensa. O século XVI se caracterizou pela riqueza de ilustrações e existência de folha de rosto. Século XVII surgiram os primeiros periódicos, junto à instalação de estabelecimentos oficiais. No século XVIII acontece vários marcos históricos, não apenas na tipografia. Século XIX considerado um período de esplendor, para os ilustradores que utilizavam a xilografia e litografia. Entretanto a produção em massa transformou o livro que passou a ser objeto de consumo, sem as características do livro raro. E por fim, o século XX e XXI que nos trazem métodos gráficos estereotipados, onde se imprime em grande quantidade, por processos mecânicos e sem grande criatividade.

Por essas mudanças significativas, a ocorrência de deterioração se tornou comuns nos acervos bibliográficos das instituições. Havendo a necessidade assídua de cuidados preventivos.

3.3 Conservação, biodeterioração e higienização

Ao tratar de patrimônio é necessária uma política básica que conduza a ação de conservação, tudo que seja possível para que possamos fazer para que cada documento permaneça íntegro em sua forma originária.

Spinelli Junior (1997) comenta que:

a exigência básica para conservar-se um patrimônio cultural é fundamentalmente: administração segura, recursos adequados e conhecimentos decorrentes da ciência e da técnica. A Conservação, de acervos documentais, portanto, como matéria interdisciplinar, é um fato de convergência e de integração, de atitudes.

Atualmente carecemos voltar nossa atenção para o desempenho conservador dos nossos saberes. “Os acervos, de maneira geral, são constituídos de objetos variados, compostos dos mais diferentes materiais e

⁶ O primeiro Colofão foi usado por Fust e Schoeffer na obra “Psalmorumcodex”, em 1457. Aparece no final da obra, uma inscrição no fim de manuscritos ou de livros impressos, com indicação sobre o autor, copista, impressor, local e data (BACELAR, 2015, p. 16).

técnicas, muitas vezes num único objeto, o que dificulta o trabalho de conservação dos profissionais” (TEIXEIRA, 2012, p. 16).

A conservação de um objeto está inerentemente associada ao material no qual foi produzido, técnica, nas condições de sua armazenagem e exposição. Os fatores de sua degradação são os mais diversos e perniciosos. Sendo necessária atenção em alguns fatores.

Teixeira (2012, p.16) nos diz que Atualmente um dos principais desafios no campo da conservação preventiva dos materiais constitutivos de acervos museológicos é o controle da deterioração química, danos mecânicos e a biodeterioração. Podemos citar alguns fatores externos como:

- físicos: temperatura, umidade relativa do ar, luz natural ou artificial;
- químicos: poeira, poluentes atmosféricos e o contato com outros materiais instáveis;
- quimicamente;
- biológicos: micro-organismos, insetos, roedores e outros animais;
- antrópicos: manuseio, armazenamento e exposição incorreta, intervenção inadequada,
- vandalismo e roubo;
- catástrofes: inundações, terremotos, furacões, incêndios e guerras.

Spinelli Junior (1997, p. 16) relata que é cientificamente provado que o papel degrada-se rapidamente se fabricado e-ou acondicionado sob critérios indevidos.

Em todo acervo documental no qual se deseje a aplicação de um método de conservação é necessário primeiro um levantamento de seu estado geral de conservação, paralelo à execução de um tratamento de fumigação, pois o ataque de fungos, insetos e as condições ambientais são os problemas mais generalizados e urgentes nas bibliotecas e arquivos (SPINELLI JUNIOR, 1997, p. 20).

Em um curso ofertado pelo MPEG, em 2015, pudemos aprender o básico de um processo de conservação, onde utilizávamos algumas fichas de controle, para meio de estabelecer um controle de fluxo do trabalho desenvolvido, entre as atividades estava a higienização do acervo.

O processo de higienização consiste em eliminar o máximo de sujidades extrínsecas das obras. “O termo higienização, incorporado ao jargão técnico da matéria Conservação de Acervos Bibliográficos e Documentais, tem dois sentidos” (SPINELLI JUNIOR, 1997, p. 39).

[...] O primeiro é médico: parte da medicina que propaga os meios para conservar a saúde e prevenir enfermidades, indicando ao homem quais são suas necessidades orgânicas e de que maneira deve satisfazê-las para conserva-se saudável. O outro é pedagógico: uma dupla perspectiva, a que ensina a higiene corporal de uma pessoa e a que se refere à higiene escolar propriamente dita (SPINELLI JUNIOR, 1997, p. 39).

Neste texto o termo vai ser empregado para descrever a eliminação de sujeiras generalizadas sobre as obras. O objetivo desta ação é a subsistência estética e estrutural da obra.

4 BIBLIOTECA DOMINGOS SOARES FERREIRA PENNA (MPEG)

O exercício da ciência despontava em seu auge em meados de 1800 na região amazônica, em vista das grandes expedições que estavam sendo realizadas por pesquisadores estrangeiros na busca da natureza do novo mundo-fauna, flora, mineral e seus habitantes. A carestia de uma instituição onde se pudesse compartilhar com a própria população, as coleções recolhidas durante a passagem de tais pesquisadores. Como relata Baptist e Friedrich (1820 apud MPEG, 1986, 19):

estavam prontas para o embarque as coleções que trazíamos desta expedição longínqua, em quantidade espantosa para nós mesmos, e eram alvo de admiração da gente da cidade, que peregrinava em multidão à nossa casa, para ver as riquezas desta terra equatorial, que, em toda excursão, às matas de Belém do Pará ou às ilhas baixas do arquipélago circunstante, novas maravilhas nos oferecia.

Este simples fato já poderia ser o suficiente para convencer os intelectuais locais da importância de sua criação, porém, apenas em 1866 que o patrono Domingos Soares Ferreira Penna, secretário do Governo da Província do Pará, fez renascer a idéia de um museu de historia natural nesta localidade. Com a dificuldade que tudo se operava em uma cidade de poucos recursos às margens do rio Guajará, apartada meio continente dos que eram os centros nacionais da erudição (CRISPINO, 2006, p.16).

Em vertente a este cenário, foi determinante a criação de uma sociedade denominada Associação Filomática do Pará, especificamente em 6 de outubro de 1866, no anseio da manutenção de um museu e, não menos importante, uma biblioteca. Infelizmente em 1888, Ferreira Penna morre e no governo de então, se é encostado o seu projeto. Apenas em 1893, o então governante Lauro Sodré, através de missão dada a José Veríssimo, vai à busca do suíço Emil August Goeldi, que residia em Teresópolis para Belém, para uma restauração nos padrões científicos atuais à época do Museu Paraense e, assim, se dá continuidade ao projeto (MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, 1986, p. 5).

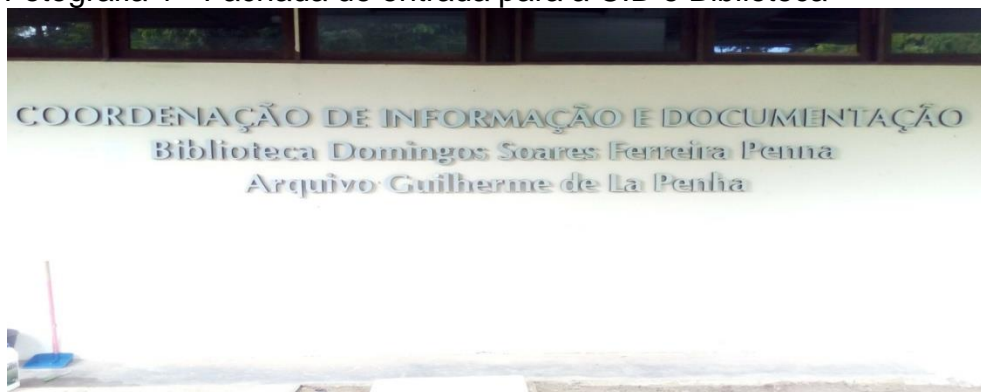
Ao longo dessa trajetória pode-se dizer que nenhuma instituição científica no Brasil, como o Museu Paraense Emílio Goeldi, atraiu para si elevado prestígio, não apenas nacionalmente, mas como em localidades

civilizadas da Europa e Américas do Norte e Sul (CUNHA, 1986, p.7). Expandindo suas áreas de atuação no decorrer dos anos, especializou-se nas áreas de zoologia, botânica, ciências humanas e da terra, além de assuntos relacionados à Amazônia. Obviamente com vastas linhas de pesquisa, acumulou grande acervo de informações, sendo necessária a criação de departamentos que suprissem cada necessidade de pesquisa.

Um dos departamentos mais importantes do MPEG tem sido sua Biblioteca especializada, responsável por atualizar e manter os estudos científicos desenvolvidos por seus pesquisadores. A criação da Biblioteca foi prevista nos Estatutos do Museu em 1866 por Ferreira Penna que não obteve êxito (CUNHA, 1986, p.15). Com novos estatutos, por volta de 1894, foi estabelecido que a Biblioteca se especializaria em Antropologia, Historia Natural e assuntos gerais sobre a Amazônia. O patrimônio bibliográfico que foi reunido agrega um valor não apenas monetário, mas histórico-cultural e científico.

O seu acervo foi reunido por meio de permuta, doações e aquisições feitas pelo próprio Emilio Goeldi. Por ter um crescimento exorbitante em um curto tempo, o seu espaço sofria graves problemas por não ter suas instalações adequadas, foi então que em 1978, obtida pelo Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), uma área de aproximadamente 10 hectares, tornou-se o novo espaço denominado Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emilio Goeldi, situado no bairro da Terra Firme. A Biblioteca ganhou o seu próprio departamento, onde a Coordenação de Informação e Documentação (CID) é responsável por seu zelo (Fotografia 1).

Fotografia 1 - Fachada de entrada para a CID e Biblioteca



Fonte: Elaboração própria, 2017.

A CID tem como finalidade agrupar documentos e informações que possam apoiar as pesquisas científicas que são realizados pelos cientistas e alunos da instituição, além da divulgação do próprio trabalho desenvolvido por sua comunidade científica.

O Centro de Informação e Documentação da Amazônia, antiga Biblioteca, procura atender a essas necessidades, tendo como principal objetivo reunir informações sobre a Amazônia que possam apoiar todo e qualquer trabalho científico realizado na região (GOELDI, 1986, p. 23).

Hoje o serviço de informação, atende os usuários de diversas Instituições, disponibilizando seu acervo (Fotografias 2 e 3) para pesquisas e divulgação dos materiais produzidos na própria instituição, por seus bolsistas e pesquisadores.

Fotografia 2 - Salão principal de leitura e obras de referência



Fonte: Elaboração própria, 2017.

Fotografia 3 - Segundo salão onde se encontra maior parte do acervo de livros e periódicos da Biblioteca



Fonte: Elaboração própria, 2017.

A coordenação passou por diversos gestores, mas os maiores responsáveis pela organização da Biblioteca, nos períodos mais árduo, foram os pesquisadores Emílio Goeldi, J. Huber, G. Hagmann, Emília Snethlage, A. Ducke, Carl Baker e Rodolfo Schuller. Enfatizando que o Dr. Schuller foi um grande bibliófilo e um dos maiores doadores de obras importantes que comportam o acervo da Biblioteca nos dias atuais.

4.1 Acervo raro e especial da Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna

De 1931 a 1943, na administração de Carlos Estevão, a Biblioteca teve acréscimos em seu acervo de importantes obras, permutadas e doadas (MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI, 1986, p. 240). A partir de um convênio realizado pelo CNPq e Governo do Estado do Pará em 1954 a Biblioteca passou por uma revitalização intensa, desde a reorganização física do acervo, mudando para a classificação decimal, até a incorporação dos dados bibliográficos para a rede, dando um segmento mais eficiente para a utilização de seus usuários. Grande parte dessas conquistas se deu a uma pessoa em

especial, a bibliotecária Maria Clara Galvão, que se dedicou por 22 anos para ampliar o patrimônio bibliográfico da Biblioteca.

O setor em 1955 contava com cerca de 18.000 obras gerais e em 1977 passou para 117.751, quando Clara Galvão teve a necessidade de afastar-se do Museu por ocasião do falecimento de seu marido. Nesse espaço de tempo ajudou a formar bibliotecárias eficientes e instigou o gosto pela leitura. Desde então ajudaram a alicerçar o alto padrão técnico da Biblioteca as bibliotecárias (que é justo referir) Maria José Ferreira (a primeira bibliotecária paraense formada), Léa M. Diniz, Ana Pirá, Helena Silveira, Regina Silva, Melquíades Santos, Olímpia Resque, Aline de Azevedo e Marielza Carvalho, além de auxiliares e estagiárias (MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI, 1986, p. 244).

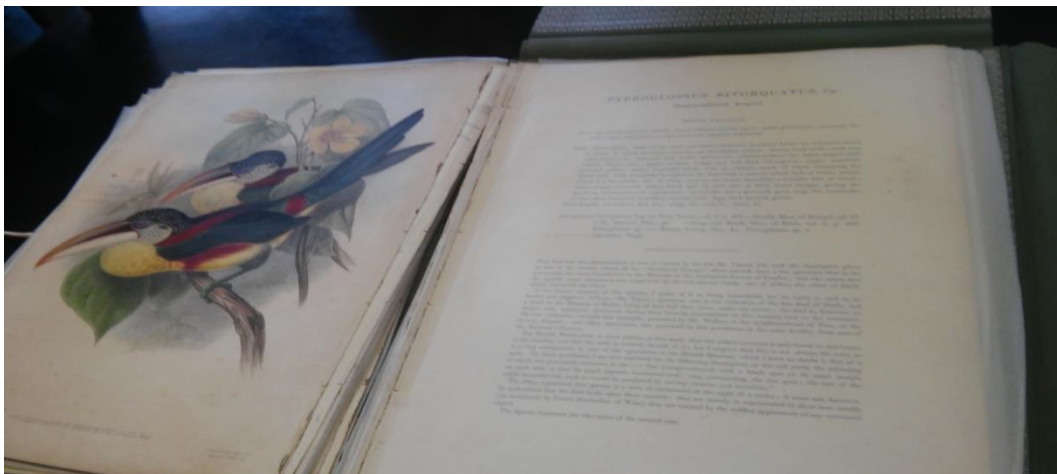
Já em setembro de 1982 a Biblioteca foi instalada para o prédio do Campus de Pesquisa, onde se mantém até os dias atuais (MPEG, 1986, p.240). Através das mãos de Emílio Goeldi, a coleção de obras raras e especiais, teve o seu princípio, além de contar com diversas doações de pessoas exímias.

Bacelar (2004, p. 1) menciona que alguns ilustres como o Príncipe Fernando I da Bulgária, prof. John Casper Branner, da Universidade de Stanford, nos E.U.A, Príncipe Albert I de Mônaco e Carl Fuller Baker, um naturalista que ocupou o cargo de bibliotecário no orto do século, responsável pela doação de importante coleção de periódicos para a biblioteca.

As coletâneas abarcam assuntos da Botânica, Antropologia, Arqueologia e Zoologia, além de documentos e relatos sobre as explorações e viagens históricas na Amazônia, somando um material de sumo valor para estudos eruditos acerca da região e do Antigo Mundo (BACELAR, 2004, p. 2). São diversificados documentos nos formatos e tipos peculiares de cada época.

São aproximadamente 3.000 volumes, sendo 276 in-fóliosvaliosos pelas edições, encadernações e pranchas delicadamente coloridas e desenhadas como em "*Monograph of the Ramphastidae or Family of Toucans*", de John Gould (Fotografia 4 e 5), edição custeada pelo próprio autor, em Londres de 1854, e pode ser considerada um dos mais belos exemplares do acervo de obras raras da biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna. Os livros do acervo raro e especial somam em número de 2.040 exemplares catalogados (BACELAR, 2004, p. 2).

Fotografia 4- *Monograph of He Ramphastidae or Familiy of Toucans* de John Gould



Fonte: Elaboração própria, 2017.

Fotografia 5- Prancha desenhada na obra de John Gould⁷



Fonte: Elaboração própria, 2017.

Uma das obras mais antigas do acervo é a coletânea organizada por Giovanni Battista Ramusio, denominada “Delle Navigazioni et Viaggi”, impressa

⁷ A obra de 1834 é uma das mais extravagantes litografias do autor, a primeira edição foi desenhada por Edward Lear, muito procurada por serem exóticas e de extrema riqueza de detalhes.

em Veneza na tipografia dos Giunti, nos anos aproximados de 1554 e 1574 (Fotografia 6).

Fotografia 6- Terceiro volume da Obra *Delle Navigationiet Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio.



Fonte: Elaboração própria, 2017.

Em suas pesquisas Bacelar (2004) relata que a coletânea possui relatos atraentes sobre a África, incluída no 1º volume, da costa da Tartária e das aventuras de Marco Polo, disponíveis no 2º volume, e por fim, as crônicas de Gonzalo de Oviedo, Fernão Cortez, Francisco Pizzaro, Alvaro Nunes Cabeza de vaca, e alguns capitães da conquista do Novo Mundo.

Os exemplares completos de Ramusio são raríssimos. É preciso saber escolher as edições mais completas, pois várias vezes houve impressão de um mesmo volume. O primeiro volume foi impresso em 1550; em 1554 como segunda edição; e em 1563, 1588, 1606 e 1613 como terceira edição. O 2º volume foi impresso em 1559, 1564, 1574, 1583, 1606 e 1613. O 3º volume em 1556 (com mudança de título), 1565, 1606 e 1613. Resta observar que a primeira edição do volume um foi realizada na Stamperia de Giunti, em formato *in-fol*, sendo, porém, que a edição mais completa foi impressa em 1606 (BACELAR, 2004, p. 1).

Giovanni Battista Ramusio foi um cartógrafo italiano que tem a segunda antologia mais importante do século XVI, ficando atrás, apenas da obra Fracanzano da Montalbodo. “Membro da Aldi Neacademia de Aldo Manucio, possuía um estatuto redigido em grego e objetivava discutir questões

literárias, escolhendo obras para a impressão e resolver problemas referentes aos textos clássicos” (BACELAR, 2004, p. 1).

Bacelar (2004) cita alguns aspectos de raridade que são atribuídos ao livro de Ramusio (Fotografia 7 e 8):

- a) papel artesanal, apresentando marcas e linha d'água;
- b) traz vinheta;
- c) contém privilégio do Sumo Pontífice (Papa Júlio III, 1554; Papa Paulo IV, 1556; e, Para Gregório XIII, 1574);
- d) possui capitais ornamentadas e historiadas;
- e) é uma edição Aldina;
- f) tem produção artesanal dos impressos;
- g) apresenta assinaturas;
- h) capa original em madeira;
- i) apresenta reclamos;
- j) edição de artífice renomado: Luc'AntonioGiunti.

Fotografia 7- Privilégio do Sumo Pontífice (Papa Júlio III, 1554; Papa Paulo IV, 1556; e, Para Gregório XIII, 1574)⁸



Fonte: Elaboração própria, 2017.

⁸ Autorização concedida pelo rei ao autor ou impressor de um livro, para ter a exclusividade, por tempo determinado, o direito de publicar a obra e aproveitar todos os benefícios. Vai até o século XV o primeiro privilegio foi dado a Johannes de Espira.

Fotografia 8- Capitais ornamentadas e historiadas⁹

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Bacelar (2004, p. 2) descreve que outras obras dos séculos XVII e XVIII tem um valor monetário e bibliográfico considerável, agregando mais ao acervo da biblioteca. O acervo disponibiliza obras como o “*Indiae Utriusque Re Naturali et Medica*”, de Willem Piso e George Marcgrave, ambos integrantes da expedição do príncipe Maurício de Nassau ao Brasil. Obra que foi impressa pelos Elzevirios de Amsterdam no ano de 1658, esta que é um enigma no decorrer dos séculos a cerca da sua autoria.

Continuando com exemplos bibliográficos, “*Rerum Medicarum Novae Hispaniae Thesaurus ev Plantarum, Animalium, Mineralium Mexicanorum*”, de Francisco Hernandez, médico do rei Felipe II da Espanha, impressa em 1628 em Roma. “*Relation Abrégée d’ un Voyage fait dans l’Interieur de l’ Amérique Méridionale*”, de Charles Marie de La Condamine, na preciosa edição de 1745. Existindo muitos exemplares dispersos no acervo geral da Biblioteca, acontece a análise para recolhimento e tratamento a fim de serem incorporados à coleção especial, ou seja, está em expansão.

⁹ Letra maiúscula inicial, desenhada ou impressa em caracteres especiais a qual inicia o texto de um capítulo ou outra parte de um livro. Obra de Giovanni Ramusio, século XV.

5 CURADORA BERENICE BACELAR

Berenice de Figueiredo Bacelar iniciou sua carreira acadêmica com o curso de letras da Universidade Federal do Pará. Lecionou como professora de língua portuguesa e francesa na rede pública do estado e município, além de passar por escolas particulares, em torno dos anos 1974 – 1985.

Prosseguiu se especializando em Administração como professora nas disciplinas: Organização e métodos, Teoria da administração e Cálculos contábeis. Em 1983 já frequentando o curso de Biblioteconomia na UFPA, iniciou um estágio na biblioteca do MPEG.

Através do convite da então chefe da biblioteca, Helena Andrade Silveira, desenvolvendo as atividades de atendimento, pesquisa, tratamento, conservação e preservação do acervo raro, antigo e valioso. O seu trabalho com as habilidades de curadoria se originou com o curso de identificação e análise sobre raridades bibliográficas e antiguidades, outorgado pela Fundação da Biblioteca Nacional.

Durante seus anos de carreira nesta prestigiada instituição a curadora acima citada, ministrou diversos cursos (Fotografias 9 e 10), como o de Monitoramento da coleção, onde aprendemos a conservação preventiva, controlar a umidade, temperatura e realizar a higienização do acervo, além da técnica de fumigação.

Fotografia 9- Oficina de Monitoramento de coleção



Fonte: Elaboração de Alexandre Ribeiro, 2017.

Fotografia 10 – Apresentação dos materiais usados no desenvolvimento das atividades do curso de higienização



Fonte: Elaboração de Alexandre Ribeiro, 2017.

No curso de Obras raras: critérios para identificação e bibliográfica textual, no qual participamos foi apresentado o universo das coleções especiais. Um espaço que incumbiu o desabrochar da curiosidade do que seriam esses materiais (Fotografia 11) que estão há anos a nossa disposição e tão poucos se interessam.

Fotografia 11 –Obra do século XV de Ramusio



Fonte: Elaboração própria, 2017.

Quando questionada sobre o que aprendeu em todos esses anos desenvolvendo esta atividade, obtive a resposta, de que o aprendizado é contínuo, pois sempre tenta levar conhecimento e interesse para os seus alunos, estagiários e companheiros que passem por esta instituição.

Continuando com seu relato, a orientação é que, a atualização do profissional deve ser constante, uma vez que as obras de raridade estão sendo classificadas por instituições nacionais e internacionais.

Por fim, expressando seu amor pelo trabalho desenvolvido é demonstrado com as palavras de que:

[...] não me vejo sem um livro em mãos. Não consigo transmitir o que é viajar pelo acervo científico e histórico da instituição, para alguém, pois a cada momento surgem fascínios e emoção os quais são transmitidos pela gama de conhecimento que vão nos passando pelos olhos, mãos e raciocínio, é um verdadeiro êxtase (BACELAR, não paginado, 2017).

Aconselhando as próximas gerações de profissionais, não desprezem os livros. A informação de hoje é efêmera, não vemos a beleza que antes se era depositado nas obras antigas. Os livros eram obras de arte, trabalhados com perfeição, que hoje só podemos conhecer através do estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental a construção diária de novas informações, o conhecimento é necessário para a educação social, humana. Através da leitura desenvolvemos habilidades e conceitos únicos. O livro exerce o papel de intermediador, entre um mundo antes desconhecido e o seu leitor.

Cada leitor desenvolve um interesse distinto a partir de cada leitura sobre determinado assunto. Esse interesse é a motivação para aprofundar seus conhecimentos.

As obras raras são materiais magníficos onde apenas quem se interessa realmente, consegue entender o quão importantes são para a humanidade. Matéria prima de uma fonte de conhecimento primitivo onde se buscava a perfeição.

O curador desenvolve amor pelo seu trabalho, dispõe de tempo, paciência e estudo. Apesar de parecer simples, envolve uma cadeia de práticas e exercícios. Os quais exigem empenho para serem exercidos.

Obras antigas e especiais eram tratadas como verdadeiras obras de arte por seus criadores. Coisas que foram perdidas com a “evolução” dos meios informacionais. Sem essas obras, nunca descobriríamos técnicas como a calcografia e a criatividade dos tipógrafos.

Buscar conhecer mais sobre o assunto deveria ser algo comum para o bibliotecário. Mas hoje, vemos as atenções voltadas para a tecnologia, para acervos digitais e sua praticidade. Esquecemos nossas origens e nos fechamos.

Como bibliotecários devíamos resgatar a essência do ser bibliófilo, não se prender apenas a tecnologia. Hoje ela está aqui, mas amanhã não é o mesmo. O livro é sentido, presenciado, ouvido, capaz de transmitir os mais diversos sentimentos.

Não menosprezando a informatização tecnológica, pois muito auxilia em algumas situações, onde o meio físico não pode ser disponibilizado. A visão acima proposta é apenas para não esquecermos as “origens” de nossas raízes.

Acervos raros e antigos não devem ser considerados desperdício de espaço e sim, patrimônio importante que merece mais respeito e atenção para suas necessidades.

Gauz (1994, p. 11) diz que o acervo raro é visto de pelo menos, três formas distintas: de cima, do gabinete do diretor, é visto como luxo caro; de lado, por outras chefias, como um departamento diferente, esnobe; de fora, pelo público frequentador, como uma biblioteca sofisticada e até com regras e normas de mais.

Roubos são constantes em algumas instituições prestigiadas, ocasionados pela falta de segurança gerada pela escassez de recursos. O setor de acervos especiais pode ser considerado um dos menos compreendidos, talvez por padrões adotados pela maioria das bibliotecas, a cerca de suas restrições para consultas destes materiais.

Os livros podem ser roubados por uma pluralidade de motivos e pessoas, desde usuários que usurpam para seu deleite, até ladrões que visão obter lucros pelo alto valor de custo que algumas obras podem chegar.

Muitos furtos contaram com o envolvimento provado de pessoas da própria instituição. Sendo possível tirar como exemplo a necessidade de monitoramento constante das pessoas envolvidas neste ambiente. Infelizmente, sabe-se que é algo complexo de se realizar. O ideal é um ambiente de trabalho consciente.

O texto traz a reflexão sobre visões curatoriais das inúmeras perspectivas que são idealizadas sobre as instituições patrimoniais. Uma atividade que conduz a novos questionamentos, apesar de existir a um considerável tempo.

Deixo expresso meu fascínio pelo tema e profunda admiração pela atividade de curadoria. Apresentando um profissional com uma formação transitiva entre historia e modernização de trabalho, sem perder sua essência. Que a curiosidade seja incentivo para mais estudos e descobertas.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Berenice de Figueiredo. **Obras raras**: manual de identificação, conservação e gestão de obras raras da Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém: MCTI/CNPq, 2004.

BACELAR, Berenice de Figueiredo. **Curso de obras raras**: critérios para identificação e bibliografia textual. Belém: MCTI/MPEG, 2015.

BASSETTO, Clemilton Luís; BELLUZZO, Regina Célia Baptista. A competência em informação como diferencial competitivo para os profissionais de informação no contexto da sociedade Informacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos ...** Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1064>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

BRANDÃO, H. P.; GUIMARÃES, T. A. Gestão de competências e gestão de desempenho: tecnologias distintas ou instrumentos de um mesmo construto? **RAE**: Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 41, n. 1, jan./mar. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 3 de 18 de dezembro de 2002. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 dez. 2002.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Definição de curadoria**: os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. São Paulo: CNPq, 2008.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAMPELLO Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.

CARTERI, Karin. O livro raro e os critérios de raridade. **Revista Museu**, n. 23, jan. 2005.

CONDURÚ, Marise Teles; PEREIRA, José Almir Rodrigues. **Elaboração de trabalhos acadêmicos**: normas, critérios e procedimentos. 5. ed. Belém: NAEA, 2013.

CRISPINO, Luís Carlos Bassalo et al. **As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi**: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921). Belém: Paka-Tatu, 2006.

CUNHA, Murilo B. da; CAVALCANTI, Cordélia R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

CUNHA, M. V. da; CRIVELLARI, H. M.T. O mundo do trabalho na sociedade do conhecimento e os paradoxos das profissões da informação. In: VALENTIM, M.L. (Org.) **Atuação profissional na área da informação**. São Paulo: Polis, 2004.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v.32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

FERREIRA, Danielle T. Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.32, n.1, p.42-49, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/>>. Acesso em: 25 de Nov. 2016.

GAUZ, Valeria. **Segurança em acervos raros**. Rio de Janeiro: GEORJ, 1994.

GRAFSTEIN, A. A discipline-based approach to information literacy. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 28, n. 4, Jul. 2002, p. 197-204. Disponível em: <[http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=105&sid=eaf3e572a4164eb69e561eba853617c%40sessionmgr2&bquery=\(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20020701\)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl](http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=105&sid=eaf3e572a4164eb69e561eba853617c%40sessionmgr2&bquery=(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20020701)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl)>. Acesso em: 30 Jan. 2017.

JACOB, C. Prefácio. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (Dir.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2000.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

_____. **A ciência da Informação**. 2 ed. rev. e atual. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MORAES, Julia Nolasco. **Curadoria e ação interdisciplinar em museus: a dimensão comunicacional e informacional de exposições**. Brasília: Enancib, 2011.

NERY JÚNIOR, Nelson e NERY, RosaMaria Andrade. **Código de Processo Civil Comentado**. 4. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2000.

OGUIBE, Olu. O fardo da curadoria. **Concinnitas**, n. 6, julho 2004.

O MUSEU Paraense Emílio Goeldi. São Paulo: Banco Safra, 1986.

ORELO, Eliane Rodrigues Mota; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. O BIBLIOTECÁRIO E A COMPETÊNCIA INFORMACIONAL. *Inf. & Soc. Est.*, João Pessoa, v.23, n.2, p. 25-32, maio/ago. 2013.

ORTEGA Y GASSET, J. **Missão do Bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

PIGGOT, Sylvia. **A new paradigm of excellence in information services**. Disponível em: <<http://www.si.umich.edu/cristaled>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 93-109.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 35, n.1, p.115-131, jan./abr., 2006.

SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos. **Competência Informacional no âmbito das bibliotecas de organizações de saúde**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 2.ed. Belo Horizonte: Melhoramentos, 1960.

SPRICIGO, Vinícius. **Curadoria dentro e fora dos museus**: dilemas para a atuação independente do curador. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/event_pres/mesas/mercados-emergentes-em-curadoria/relatos/curadoria-dentro-e-fora-dos-museus>. Acesso em: 06 de jan. de 2017.

TEIXEIRA FILHO, Jayme. Profissionais da informação. *Insight Informal*, n. 12, ago 1998. Disponível em: <<http://www.insightinformal.com.br.>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

TEIXEIRA, Lia Canola. **Conservação preventiva de acervos**: Vanilde Rohling Ghizoni. Florianópolis: FCC, 2012.

VITORINO, Elizete Vieira. **Educação a distância (EaD) na percepção dos alunos**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), 2006.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.130-141, set./dez., 2009.

ZARIFIAN, P. **O modelo da competência**: trajetória histórica, desafios atuais e propostas. São Paulo: Editora SENAC, 2003.

APÊNDICE A – ENTREVISTA

Roteiro de Perguntas:

1. Fale um pouco sobre sua vida profissional e acadêmica.
2. Como iniciou sua carreira no Museu Paraense e surgiu o convite para desenvolver a atividade de curadoria?
3. Como desenvolveu seu trabalho como curadora?
4. Quais cursos já ministrou nesta área de atuação?
5. O que você aprendeu nestes anos desenvolvendo esta atividade?
6. Você acha necessário mais qualificação para desenvolver esta atividade?
7. Você ama o trabalho que desenvolve?
8. O que você aconselha para as próximas gerações de profissionais da ciência da informação?